

# A alteridade feminina

---

Alba Abreu Lima

Resenha do livro de Carmen Gallano: *A alteridade feminina*.  
Campo Grande: Andrea Carla Deuner Brunetto ed., 2011

A recente tradução do livro *A alteridade feminina*, decorrência das intervenções, de Carmen Gallano, na Universidade e no Fórum do Campo Lacaniano de Medellín (Colômbia), em novembro de 1998, ganhou peso na edição primorosa de Andréa Brunetto, não somente pela tradução rigorosa com revisão de Sandra Berta, mas acima de tudo pela busca das referências bibliográficas, deixando um precioso material de estudo e pesquisa aos que desejam compreender a clínica da vida amorosa feminina.

Em seu estilo claro, vigoroso, profundo na pesquisa psicanalítica e eminentemente clínico, Carmen aborda desde as patologias do amor nas mulheres, detalhando a clínica de amor feminino ligado ao gozo e à relação direta com o abismo da falta do Outro, para embarcar no Lacan dos anos 70 e suas elaborações sobre o todo fálico e o *não-todo* fálico, elucidando, assim, os conceitos tão caros à psicanálise, mas que se perdem na homogeneidade de nossos dias. Alteridade, identidade, diferença, singularidade feminina, novas formas de família, desamor e aflições no laço amoroso são temas de sua pesquisa que agora nos transmite como se fosse uma conversa.

No primeiro capítulo, uma pergunta, que mais parece provocação nos dias de amor líquido, é esboçada: o amor masculino e o amor feminino são distintos? A partir daí, Carmen discorre sobre os infortúnios do amor que surgem na clínica e a nova nomeação para um acontecimento antigo: o desamor. Evoca que se procura cada vez mais os psicanalistas com o lamento do desamor, com um sofrimento por amor ou por falta de amor, e a expectativa seria a de encontrar a chave para um amor feliz.

Demonstra que quando a mulher diz não com seu sintoma, é porque, apesar do que canta o poeta (“qualquer maneira de amor vale a pena”) nem todo tipo de amor vale a pena. Isso não impede aos psicanalistas saberem que o amor é o modo de o homem suportar o mundo. E como esse lastro faz falta ao psicótico! Carmen também distingue três modos do amor feminino:

1. Aquelas que adoecem pelos homens, que são mal acompanhadas pela dedicação sacrificial e vivem na insatisfação;

2. As inibidas e que vivem no recolhimento narcisista e adecem pela indiferença ao desejo sexual pelo parceiro, não conseguem amá-lo;
3. As que sofrem de um insensato amor louco, uma loucura que extravasa e revela uma experiência de gozo arrebatadora, muitas vezes em mulheres bastante sensatas.

Com muitas ilustrações clínicas e retomando o Seminário XX, de Lacan sobre o amor, Carmen consegue indicar a brecha (ou a fórmula?) pela qual a mulher consegue efetivamente amar: quando consente no luto das miragens e na possibilidade de enfrentar o acaso.

O segundo capítulo apresenta a tríade *Identidade, diferença e alteridade*, como opção de ordenar os três tempos e modos de abordar o sexo e a questão da alteridade feminina. Como o homem e a mulher adquirem uma identidade sexual? Na atualidade, a noção de identidade ficou reduzida ao indivíduo. Em psicanálise, podemos falar apenas de identidade significante, a partir de um sujeito do inconsciente, um X, que é dividido e por isso mesmo só é idêntico a si mesmo. Para falar da identidade como cristalização de identificação, Lacan recorda que os três modos de cristalizar uma identidade são as três identificações freudianas: uma identificação feita de amor é a primeira identificação ao pai; a segunda identificação ao traço unário; a terceira, a identificação histórica. Nesse momento, Lacan situa essas três identificações no nó borromeu: a primeira é identificação ao real do Outro real; a segunda, ao simbólico do Outro real; e a terceira, ao imaginário do Outro real.

O significante introduz a diferença, porque um significante se define pela diferença com outro significante. O que quer dizer que homem e mulher são significantes, e no discurso corrente se opõem em suas diferenças. Assim, o significante, mais do que proporcionar uma identidade, introduz a diferença.

A primeira alteridade do sujeito, de certo modo, é como sujeito do inconsciente, porque esse Outro, portador dos significantes que puxam os fios do sujeito, aparece vindo a ancorar, a inscrever o sujeito de um lugar Outro. Mas Carmen vai além e pergunta: como pensar uma alteridade feminina anterior à lógica fálica e não dependente dela? Elabora a resposta com Levinas, que afirma: “não podemos reduzir a feminilidade somente ao que dela se depreende por diferença do masculino”. Quando ele fala de alteridade, pode estar tratando do que depois Lacan formalizou como a lógica do não-todo.

Para a autora já não se define a diferença dos sexos em termos de identificações, nem de identificações edípicas, porque se dizer homem ou se dizer mulher não é achar-se homem ou achar-se mulher. Trata-se do código de semblantes para tratar o outro em sua diferença sexual em relação com o desejo, e precisamente por isso, o código não

é de mero respeito, mas de cortejo e de sedução. É sempre código do jogo de reconhecimento da diferença. Quando as mulheres dizem: esse homem sabe tratar as mulheres, indicam que sabe significar na função da palavra a diferença sexual. Um homem sabe tratar as mulheres quando sabe fazê-las distintas e, portanto, desejáveis.

O terceiro capítulo – *O que se opõe ao Um de todo homem são as mulheres, Limite da razão masculina* – é dedicado a uma revisão detalhada da lógica das fórmulas da sexuação, apresentando também o que se passa na neurose obsessiva, na histeria, na toxicomania, na homossexualidade. Sobre o significante fálico, falar da diferença sexual, de uma alteridade feminina definida somente como diferença relativa, na única resposta que permite o inconsciente com relação à feminilidade, é falar que a mulher não é um homem, não tem o falo e não o é; por isso, somente no semblante pode fazer aparência de sê-lo, para tapar o que não o é. Dizer o que uma mulher não é não diz o que é. Dizer que não é um homem não diz o que é como mulher. Por fim, o que a autora diz poder verificar com a clínica é que a única maneira de um homem suportar uma mulher é amá-la para além do inalcançável do gozo desse corpo Outro, o corpo feminino.

O quarto capítulo – *Ela se desdobra: a lógica da sem-razão feminina* – é a continuação das fórmulas da sexuação, desta feita introduzindo a questão do masculino e feminino. Ela comenta as três formas diferentes de suportar a alteridade feminina: ter duas, a bigamia clássica do neurótico – a esposa amada e a amante desejada falicamente; fazê-la mãe, fazer-lhe filhos; ou amá-la como uma mulher.

A autora diz do desdobramento da mulher: não é que haja duas por estar partida, não é a divisão do sujeito. O desdobramento não é subjetivo, é real, e não está inscrito no inconsciente, mas em seu limite. Não está na cabeça das mulheres, de metade-metade, como dizem as histéricas. “Eu tenho duas partes, sou uma coisa e o contrário”. É o sujeito da contradição, o sujeito histérico: não se sabe onde está o que ela é na lógica fálica e onde está nela mesma, essa parte outra, estrangeira a ela mesma. Se a divisão do sujeito está inscrita no inconsciente, o desdobramento da *não-toda* só pode se abordar pela inconsistência do Outro, que pode dizer uma coisa e o contrário sem contradição. Em uma mulher, não se pode dizer a fronteira entre sua alteridade feminina e o que dela fica na lógica fálica. É a alteridade presente de um infinito atual, mas que não se pode discernir. Uma mulher passa pelos semblantes, mas passando por eles, transcende-os.

O último capítulo tem como tema de estudo as aflições femininas. Carmen consegue exemplificar com a clínica fatos que vêm surgindo na atualidade e como o amor de mulher se engancha ao gozo sexual desdobrado: quando o homem se converte em ponto de mediação entre o real do gozo, inominável; e o simbólico da falta

do Outro, mas coordenado na ordem simbólica da castração (que o homem possa operar para ela como *sinthoma*).

Pergunta-se por que há essa solidão crescente entre as mulheres, esse desamor nas relações? Responde que as mulheres não estão cada vez mais histéricas, como se pode pensar, mas há algo em nossa civilização, da economia do mercado, da ciência que marca o estigma feminino. Afinal, na ordem antiga havia uma mediação simbólica para alojar uma mulher na ordem simbólica, como filha, esposa etc., enquanto um homem encarnava o suporte sintoma do simbólico que civiliza as mulheres e lhes dá um lugar na família. Se essa função terminou, não é mais pela incidência edípica no social nem pela família que uma mulher encontra seu lugar. Essa função somente pode se dar se os homens respondem assumindo seu lugar de seres sexuados e oferecendo-se como seres sexuados masculinos, porque senão não há mediação da castração para que uma mulher possa fazer-se Outra para si mesma.

Continua a autora: no mundo de hoje, não se inscreve a castração nas relações simbólicas, só se promovem os indivíduos e seus objetos, para ignorá-la.

Se existe cada vez mais pulsante, uma clínica da depressão, da melancolia, da tristeza, essa clínica se reporta às perdas do amor. De que forma o objeto de amor coloniza para uma mulher, o lugar da angústia? O lugar da angústia é o lugar do impossível de saber?

Em tempos de crepúsculo de amores femininos, mulheres do planeta Vênus, genes e hormônios dando explicação para quase tudo, o livro de Carmen Gallano é incomparavelmente um retorno aos princípios psicanalíticos com um rigor incomparável e uma escrita de dar gosto!